

NOTICIÁRIO

DOUTORAMENTO "HONORIS CAUSA" DE R. H. AUBRETON

A Universidade de São Paulo conferiu ao Prof. Robert Henri Aubreton o título de Doutor "Honoris Causa", em sessão a que ocorreram diversos de seus ex-colaboradores e ex-alunos; transcrevemos adiante o discurso proferido pelo Prof. Aubreton naquela oportunidade, chamando a atenção de nossos leitores pelo alto significado de suas palavras, como profissão de fé universitária e como dignificação do Humanismo; por oportuno, recordamos a recente homenagem que esta revista prestou ao mestres francês, consagrando-lhe uma "Miscelânea de Estudos" publicada em 1967.

"Vossa presença hoje neste lugar, assim como as palavras que acabo de proferir meu caro discípulo, meu amigo Professor José Cavalcante de Souza, me deixa repleto de confusão e de alegria.

Posso afirmar que o Brasil me cumula. Já no ano de 1964, quando, integrando a banca de um Concurso para Cátedra, transmitia oficialmente a Vossa Senhoria, meu assistente, a Cadeira que eu tinha regido durante doze anos, a Câmara Municipal de São Paulo me conferia o título agradável a meu coração, de cidadão de São Paulo. Pai de um brasileiro, partilhava assim com êle esta cidadania de uma terra à qual dediquei uma grande parte de minhas forças, na qual deixei uma parte importante de meu coração.

E, hoje, Magnífico Reitor, Vossa Excelência me confere, em nome da Universidade de São Paulo, o título de Doutor Honoris Causa. Em verdade, é o título mais agradável que se pode receber. Quando se pensa em todo o trabalho que representa normalmente um título na vida universitária, na acumulação de pesquisa e de trabalho de teses que êle requer, recebê-lo sem fazer nada, só pode dar o melhor prazer! Mas, para um Universitário, não é a mais alta distinção que pode ser outorgada por seus pares? É a razão pela qual eu expresso todos os meus agradecimentos a Vossa Excelência, Senhor Diretor, e a todos mais colegas: não podeis imaginar honra que mais me agrada, e ainda mais porque assim fazendo, me integrastes mais uma vez no seio de Vossa Universidade, a maior, a mais ativa do Brasil, a qual já tem produzido tantos trabalhos. É a Universidade que merece e deve ser o padrão das Universidades brasileiras.

Eu sou um dentre vós. Embora seja francês, o meu coração bate também à moda brasileira, nada do que acontece a uma das minhas duas pátrias me deixa indiferente e acho ter sempre agido como bom brasileiro ao mesmo tempo que como bom europeu e bom francês. Aceitai então, vós todos que sois a Universidade de São Paulo, vós todos

que quisesstes me honrar com vossa presença nesta cerimônia universitária, aceitai todos os meus agradecimentos.

Mas, o que fiz eu para receber esta honra, para que me distinguísseis entre outros? Devo confessar que somente realizei minha tarefa de Professor Universitário. Fôstes vós que me chamastes no ano de 1952 e que me elegestes. Eu respondi a êste chamado e cheguei sem pensar nas tarefas que me esperavam; olhei e estudei, tentei integrar-me e dar a meus alunos o gôsto desta bonita língua grega, de sua literatura, da civilização dêste povo maravilhoso; assim fazendo compreendi para tudo isto me conduzia.

Afirmastes que, entre outras criações, eu formei um grupo, uma escola. Sim, de acôrdo, e disso me orgulho. No dia em que a doença, que durante uns momentos me deu a crer que eu partia para a grande viagem, me obrigou a vos deixar todos, eu pude fazer isso com total serenidade. Sabia que a sucessão estava realizada, que numerosos, vós todos meus discípulos, estáveis prontos para continuar o trabalho. E agora de longe, sabeis, estou olhando para aqui, para vossa ação, e não deixastes de me dar alegria.

Mas será isso motivo suficiente para me entregar esta honra? Pois, por favor, o que um professor que não cria escola? Será capaz de honrar-se em verdade dum título de mestre aquêle que atrás de si não deixa ninguém? Não é essa, muitas vêzes me ouvistes afirmá-lo, não é essa a missão do Professor, formar discípulos e orgulhar-se vendos indo mais longe do que êle? La Brousère não tinha escrito isso a respeito da Querela dos Modernos e dos Antigos, e parodiando-o por minha vez eu direi: montados nos meus ombros, cxalá vejais mais longe e subais mais alto.

De fato, a cerimônia de hoje, esta honra que me é outorgada, é sôbre vós todos que está recaindo, sôbre vós todos, meus caros colegas do Departamento de Letras Clássicas; pois, nós todos trabalhamos juntos, Professôres Armando Tonioli, Aída Costa, Segismundo Spina, Theodoro Henrique Maurer Jr., Isaac Salum, e meu caro José Cavalcante de Souza, todos marchamos ombro a ombro, todos me aconselhastes, apoiando minhas iniciativas. O que poderia ter feito sem seu auxílio, Professor Eurípedes Simões de Paula, o Diretor de meus primeiros anos que me deu todo seu apoio nas horas críticas, quando eu tentava reformar e criar um ensino digno de São Paulo?

A cerimônia de hoje, o título que me está conferido, devo-o a vós todos, meus caros discípulos, diretos e indiretos. Ao primeiro grupo do que me auxiliaram nos primeiros anos os que, formados com outro método, aceitaram com total dedicação a nova orientação, Hilda Penteadó de Barros, Gilda Reale Starzynski, e o Sr. que eu elegi, Prof. Cavalcante. A êste grupo da primeira hora se agregaram rapidamente toda uma plêiade de jovens entusiastas. E foi minha chance ver dirigir-se para mim tantos espíritos brilhantes e sólidos, cheios de ideal e de fé. Chegaram para mim e me deram sua confiança. Oh, esta bela juventude brasileira com a qual eu me revelei cheio de exigência, duro, bravo, que eu acostumei à prova dura, a não se satisfazer com a facilidade, mas a não conquistar diplomas e títulos se não merecidos. Isso foi até difícil, eu sei; mas meu maior prêmio é olhar-vos todos aqui presentes, muitos anos depois, receber a vossa franca amizade. Vós me lembrais as vossas atribulações que foram também minhas, deveis crê-lo, pois eu conhecia vossas dificuldades. Hoje, eu sei, vós todos sentis que se trata essencialmente de vós, vós sois minha família, a palavra não é só minha. Não se nomearam êles mesmos de um nome que me honra, os "aubretonistas"?

É meu orgulho de considerá-los aqui, professores do Ensino Secundário, os quais com este método que vos dei, com este rigor e esta exigência minha à qual todos foram submetidos, lecionais hoje o grego, às vezes latim também, mas sobretudo o português. É meu orgulho ver-vos promovidos em consequência de vossas qualidades, nos primeiros lugares, de vos ver realizar, dia a dia, em condições extremamente difíceis que os professores na França não aceitaram, vosso papel junto com essa juventude que amais, e isso com uma fé que eu admiro, à qual eu desejo prestar homenagem. Sim, deveis ensinar a esta juventude conhecer esta herança do passado — vossos estudos gregos e latinos vos conferiram mais do que os outros a capacidade de penetrar no pensamento e na expressão — e, por meio do ensino, dar a esses jovens as qualidades de honestidade intelectual, de competência, de exigência. Isso cria o homem. Vós todos sois os defensores do humanismo.

E penso também em todos os formados em Letras Clássicas que, em várias profissões fora do Professorado, continuam apreciando a formação recebida.

É meu orgulho ver-vos tão numerosos nessa Faculdade, vós todos, os meus discípulos, que vos tornastes Professores de Ensino Superior, nesta Cadeira de Grego, Henrique Murachco, Wanderley Tavares, e também Ana Lia Amaral de Almeida Prado, Neide Cupertino Smolka. Mas vejo ainda outros espalhados em todos os diversos cursos; os latinistas Antônio Mendonça, Ariovaldo Peterlini, Jayme Bruna, o filósofo Oswaldo Porchat Assis Pereira da Silva, o lingüista Isidoro Blickstein, o arqueólogo Ulpiano Bezerra de Menezes, o grego bizantino e o moderno daqui a pouco com a professora Isis B. da Fonseca tomará seu lugar ao lado do russo, do árabe e do armênio. Outras Faculdades pediram vossa colaboração, vejo o grupo de Marília, Enzo del Carratore, Ataliba de Castilho, Clóvis Barleta de Moraes; em Assis José Carlos Garbuglio, João de Almeida e José Gramuglia; em Araraquara, Daisy Melhadas, Odete Altman.

Outros se preparam ainda e amanhã estarão presentes e tomarão novos cargos, cadeiras novas, dando assim uma prova do valor do ensino recebido através das Línguas Clássicas.

Citarei ainda os meus discípulos indiretos, os que confiaram em mim e pediram meu auxílio. Luís Lisanti Filho, Evangelina Soeiro, Francisco da Silva Borba e outros. É meu orgulho não vos ter lançado a todos na carreira universitária mal providos de uma única licença, e como tantos outros, que, demasiadamente cedo sobrecarregados por um ensino difícil e extenso, não puderam realizar-se totalmente, nem realizar uma obra de grande alcance.

Eu senti que era preciso, depois da licença, da especialização, dedicar-vos um tempo à reflexão pessoal, longe dos problemas materiais, a fim de iniciar trabalhos de pesquisas e, com tranquilidade entregar-vos à redação de teses de Doutorado, até de Livre-Docência. As bolsas eram excelentes, não eram suficientes, não permitiram ficar vários anos na Europa. Foi neste momento que pensei provocar a criação de Leitorados de Literatura e Civilização Brasileira junto às Cadeiras de Português e Espanhol nas Faculdades europeias — dava, desta maneira, a meus discípulos o tempo, os meios de realizarem seus trabalhos de aperfeiçoamento. Mas ao mesmo tempo, “matando dois coelhos de uma só cajadada” eu dava à divulgação e ao ensino da literatura, da civilização brasileira e de sua língua nas universidades europeias, um alento novo. Podíamos encontrar melhores leitores senão os que reuniam à cultura portuguesa e brasileira uma profunda cultura clássica. Em to-

dos os lugares êles se mostraram dignos da missão que lhes foi confiada. Devo afirmá-lo hoje, foram todos leitores de valor e eficiências dentre os melhores. Tudo isso não foi realizado de um dia para outro, nem sem lutas. Encontrei na Europa como no Brasil incompreensão e preconceitos. Mas devo agradecer em particular ao Departamento Cultural do Quai d'Orsay pelas bôlsas outorgadas a vós todos e sem as quais não podíamos iniciar êsse trabalho; devo também oficialmente e solenemente manifestar minha gratidão ao Departamento Cultural do Ministério dos Negócios Exteriores do Govêrno Brasileiro por êsse auxilio incondicional e permanente que sempre me foi prestado. Em consequência da colaboração do Itamaraty, de S. Exa. o Embaixador Wladimir Murinho, do auxilio e da amizade de S. Exa. o Ministro Helio Scarabôto que hoje se encontram entre nós, na qualidade de Ministro da Justiça, ao qual desejo prestar uma homenagem pessoal, em consequência também da compreensão dos colegas do Ensino Superior na França, provoqueei a criação de dez ou doze leitorados. E essas criações continuam com o impulso de meu caro colega o Prof. Albert Audubert.

Mas desejava mais ainda e tentar várias criações na Itália, na Inglaterra, na Alemanha, com a idéia que nossos estudos clássicos precisavam aqui da colaboração de todos os países, mas não tive tempo.

A vós todos aqui presentes, todos meus agradecimentos por essa colaboração cultural e não posso esquecer a Direção do Centro de Aperfeiçoamento de Professôres do Nível Superior, no Rio, Srs. Almir de Castro, Suzano Gonçalves, Nelson Vale Silva, que sempre se revelaram atentos às nossas recomendações.

Tinha acariciado outros projetos. Sonhava formar outros grupos para as Faculdades federais. Já tinha dirigido alguns elementos para Brasília; do Rio e Belém já vinham para nós um outro. Não tive o tempo de realizar tudo isso. Mas em vários lugares se estabeleceram secções da Associação de Estudos Classicos do Brasil, era um embrião que podia dar esperanças de desenvolvimento ulterior.

Uma grande tristeza devia escurecer meus últimos meses no Brasil. Se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação provocou em várias secções desenvolvimentos novos, ela foi para a secção clássica um cataclisma! Eu tinha cooperado nos estudos que se realizaram anteriormente. O Diretor do Ensino Superior no Rio de Janeiro me tinha chamado com outros colegas brasileiros em qualidade de assessor. Submeti a essa Comissão o currículo que o Departamento de Letras desta Faculdade tinha com muito trabalho elaborado sob a presidência do caro Professor Mário de Souza Lima e que parecia responder a nosso desejo de renovação. As discussões no Rio pareciam tomar boa direção. A doença me impediu de defender até o fim essas propostas, e de uma vez, eu vi destruída a obra que nós todos tínhamos durante vários anos elaborado com fervor. É certo, devia ser o resultado da ignorância do papel exato de nossos estudos e dos frutos recolhidos. Assim sendo, com essas disposições, a formação clássica saiu diminuída, empobrecida. Se tivéssemos tido mais dez anos todos teriam aceito a nossa concepção, todos teriam compreendido o papel desses estudos. É meu dever, hoje, proclamar mais uma vez o que não nossos estudos, o que êles devem ser no Brasil.

É evidente que em todos os países e em particular no Brasil, precisamos de numerosos técnicos: para dar valor ao solo e a suas riquezas. Mas não compreendo porque sempre se quer opor, em nosso mundo moderno, a técnica e a cultura. Pelo contrário, no momento em que a máquina está tomando tal preponderância e quando a eletrônica pa-

rece substituir a inteligência humana, é preciso que o homem, mais do que sempre, seja homem, com tôdas suas faculdades de pensar e de sentir, de meditar. Cada vez mais se pensa também numa política dos lazeres, essenciais nesse mundo moderno, demasiadamente absorvente, no barulho ensurdecedor de nossas cidades. Significaria isso dirigir o homem para lazeres que sòmente satisfaçam seu corpo, que, finalmente, chegariam, usando da palavra de Pascal, a bestificá-lo. Não será em consequência de uma formação humana profunda, mantendo sempre contato com os maiores espíritos que viveram nesse globo, que será evitado êsse aniquilamento humano. É desde a juventude que essa formação deve ser dada. Uma especialização demais rápida só chegará à criação de perfeitos animais de carga, prontos para o trabalho de cada dia e que serão conduzidos às pastagens cada sábado para permitir melhor recuperação e melhorar rendimentos! Será êsse o ideal humano?

“Dai-me homens bem formados, e rapidamente serei capaz de transformá-los em excelentes especialistas” — é o que repetem eminentes sábios. Mas não são ouvidos e corremos para o mais apressado, o imediato. Estamos preparando assim gerações prontas para serem arregimentadas sob qualquer bandeira, que serão vítimas de fáceis “slogans” repetidos pela Rádio ou Televisão e que dispensam a meditação.

Para reagir contra essa servidão que ameaça o homem, é preciso oferecer ao espírito vários tipos de formação, e os estudos clássicos, colocando-nos em contato com uma das culturas essenciais de nosso mundo ocidental, nos obrigam a tomar consciência dos valores do mundo moderno, e compreender as suas fontes e seus desenvolvimentos, assim como nos tornar donos de nossos meios de expressão. Mas o saudoso amigo Prof. Ernesto Faria, que tanto lutou até sua morte em prol dêsse estudos, afirmava que a verdadeira formação clássica nunca existiu nessa terra nos últimos cinqüenta anos a não ser em alguns colégios, e muitas vêzes essa formação era considerada como um puro trabalho filológico ou semântico, sem outro alcance! Os que possuíam uma verdadeira formação clássica — e foram sempre grandes espíritos — tinham-na em geral recebido no estrangeiro. E como podia existir esta cultura quando se pensa que mais do que outros, por sua extensão não pode ser adquirida por futuros lentes universitários senão com uma formação longínqua e um trabalho profundo, e que o Brasil apressado por sua demografia, por suas inúmeras criações, não tinham o tempo e os meios de criar equipes sólidas. É pena; pois esta formação mais correspondia ao desejo brasileiro de uma cultura original sem dependência do estrangeiro.

Mesmo depois da criação de numerosas universidades não foi possível fazer uma verdadeira experiência que pudesse verificar o interêse da cultura clássica, primeiramente porque as Faculdades federais nunca forneceram aos professores e, em consequência, aos alunos, as condições normais de trabalho. Para criar Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras sem dúvida é preciso construir prédios, provocar matrículas de alunos. Tudo isso é necessário, mas é preciso mais ainda criar laboratórios e sabemos que para Ciências Humanas laboratórios são bibliotecas bem providas de livros e revistas especializadas. Mas o essencial é encontrar verdadeiros lentes universitários. Não pode existir improvisação neste setor: é obra de numerosos anos. A êsses professores é preciso dar as condições de vida e de trabalho convenientes. Eu conheço tôdas as Faculdades do Brasil, nelas encontrei homens excelentes e de valor; mas uns entraram demais cedo na carreira universitária e nas

funções catedráticas; outros se esgotaram em inúmeras horas de ensino; raros são os que encontraram a possibilidade de se formarem totalmente, raros são os que possuíam assistentes preparados, ou bibliotecas bem constituídas. Foi nessas condições que trabalharam tantas colegas de letras clássicas. Como podemos julgar pelos resultados?

Mas, a Universidade de São Paulo nos permitiu a constituição de uma equipe, dando-nos as condições de trabalho exigidas para um trabalho sério; pois há já tempo que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, compreendia que um professor universitário não é unicamente um homem que dá aulas a seus alunos, mas que ele é, ao mesmo tempo, um Mestre e um Pesquisador. Ela compreendeu que a pesquisa não é único apanágio só das ciências experimentais, mas desde sempre uma obrigação e um hábito das ciências humanas. A todos os professores e Assistentes ela conferiu o tempo integral indispensável à carreira do magistério. Esta dedicação total é uma conquista de São Paulo, de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, conquista que São Paulo estendeu com acerto a várias Faculdades criadas pelo Estado nas cidades do Interior. Oxalá que esse regime de dedicação plena não seja recolocado em questão com falsos pretextos de economia; sem ele não pode existir verdadeira vida universitária e a Universidade de Brasília bem compreendeu isso, ela que, neste caso deve muito ao exemplo de São Paulo. E faço um voto: que tôdas as Faculdades Federais de Filosofia, Ciências e Letras gozem rapidamente do mesmo estatuto nas mesmas condições que São Paulo. É a condição de sua eficácia com economia de reformas estruturais.

Fai ainda em São Paulo que se constituiu a primeira biblioteca valiosa de Letras Clássicas. Até também o Instituto de Letras Clássicas de Brasília tomou São Paulo como modelo, mas com condições financeiras bem superiores.

Assim sendo, em 1952, fora de São Paulo não teríamos conseguido nenhum resultado. É preciso afirmá-lo.

Graças a estas instituições paulistas, pudemos formar nossa equipe e impor um estudo sólido de cultura clássica um estudo exigente, sem concessões, auxiliando, esclarecendo, através desse mesmo estudo. Os valores da língua portuguesa e da literatura brasileira: seus diplomas nossos alunos os conquistaram lutando, com o suor de sua frente, dêles eles conhecem o valor.

E agora, está presente na minha frente a melhor equipe que jamais existiu no Brasil. Vós todos soubestes vos impor no Ensino Secundário como os melhores professores de língua vernácula, dispensando um ensino vivo, profundo, sólido, sabendo que o brilho sem bases concretas é vão. Mas esperais todos com impaciência que um novo currículo para Letras Clássicas, permita dar aos jovens brasileiros esta formação greco-latina que foi a vossa, da qual compreendestes o valor. Se não existem ainda condições em vários estados da União, pelo menos no Estado de São Paulo não há razões para adiar tal iniciativa.

Em verdade, da eficiência desta cultura clássica conseguimos dar uma prova evidente por si mesma. É um fato que ninguém mais pode negar, do qual estou pedindo um reconhecimento público.

Qual é minha gratidão neste dia, à Universidade de São Paulo, a esta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, depois de me ter oferecido as condições ideais no Brasil para fazer essa experiência, me dá ainda hoje com essa cerimônia a consagração oficial do valor dos Estudos Clássicos!"

DOUTORAMENTO DE PROFESSOR DO DEPARTAMENTO

Doutourou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo o Prof. *Salvatore D'Onofrio*, Instrutor da Cátedra de Língua e Literatura Latina desta Faculdade.

A defesa se deu a 18 de setembro de 1969, tendo tomado parte na Banca Examinadora os Profs. Drs. Armando Tonioli (Orientador), Aída Costa, Giulio Davide Leoni, Eurípedes Simões de Paula e Isaac Salum. O trabalho intitulava-se *Os Motivos da Sátira Romana*, e vai publicado nesta edição. Transcrevemos adiante o resumo:

INTRODUÇÃO

Muito se insistiu, no estudo da Literatura greco-romana, sobre a dependência e a imitação da Literatura da Roma antiga em relação à produção literária da Grécia. Mas há um campo em que os Latinos demonstraram originalidade e capacidade criativa: o gênero satírico. A Sátira romana, que é uma análise crítica das distrações sociais e morais, espelha a ala tradicionalista e conservadora dos romanos que se opunham às inovações introduzidas pela aculturação greco-oriental. Se a assimilação da cultura helenística vinha sendo, de um lado, a causa principal da florescência das Letras, da Filosofia e das Artes em Roma, de outro lado, a aceitação e a imitação dos costumes greco-orientais iam determinando, paulatinamente, a quebra do *mos maiorum*, acervo dos severos e sadios costumes dos ancestrais, que tinham construído a grandeza militar de Roma. Intuito do nosso trabalho é demonstrar que a Sátira latina é literatura de oposição à corrente helenizante, pois via na assimilação dos fouxos costumes orientais a causa primordial da depravação da sociedade romana.

Capítulo primeiro: Origens e desenvolvimento da Sátira Latina.

É um histórico do gênero satírico na Literatura Latina. A etimologia da palavra “sátira” se prende a *satureza lanx*, um prato cheio das primícias da terra, que os antigos agricultores itálicos ofereciam aos deuses: durante a festividade religiosa os camponeses se lançavam desafios, acompanhados de gestos, música e dança. A ação cênica passou a chamar-se de *satura* pela variedade dos assuntos e dos elementos drâmáticos. Desta *satura* dramática originou-se a “sátira” literária, que conservou o elemento de “variedade” e de “mistura” dos assuntos, acentuando o caráter polêmico e de crítica aos costumes da sociedade. Os maiores cultores da sátira literária romana foram os poetas Lucílio, Horácio, Pércio e Juvenal.

Capítulo segundo: A Sátira Literária.

Os poetas satíricos criticam os gêneros literários cultivados na sua época, especialmente a moda da declamação, o estilo épico-trágico, o bagulho mitológico. Contra a imitação dos assuntos obsoletos ou introspectivos e da fama rebuscada da poesia helenística, os satíricos sugerem uma poesia realista, engajada no momento histórico. Mais interessante do que o canto dos mitos é a descrição dos vícios dos homens e das distrações sociais. A Sátira romana se afirma, portanto, como literatura de oposição ao mau gosto e ao mau costume social.

Capítulo terceiro: A Sátira filosófico-moral

O espírito prático dos antigos romanos sempre os manteve alheios às especulações da filosofia teórica. Por isso, em Roma, só se afirmaram as correntes filosóficas que mais diretamente diziam respeito ao comportamento humano. As duas escolas que mais se vulgarizaram em Roma foram o Epicurismo e o Estoicismo, colocando o segredo da felicidade respectivamente no “prazer” e na “virtude”. Os satíricos se interessaram por estes problemas de filosofia prática porque faziam parte da *paideia* da época, mas refutam qualquer paradoxo e são contra toda forma de dogmatismo. Sua filosofia é a filosofia do bom senso e do meio-térmo: condenam qualquer excesso e sugerem a sábia lei da natureza.

Capítulo quarto: A Sátira religiosa.

A religião da Roma primitiva se caracterizou pelo aspecto jurídico e social. Mas, o contacto com os cultos helenísticos levou os romanos à prática de um tipo de religião muito mais individual e espiritual. As religiões de “mistério”, com seus ritos de “iniciação”, proporcionavam aos fiéis uma participação com a divindade. As cerimônias orgiásticas de muitos ritos orientais, porém, levavam facilmente ao fanatismo religioso chegando-se a praticar a mutilação do corpo e o sacrifício humano. Os satíricos latinos insurgem-se contra estas religiões de “mistério”, considerando-as imorais e acusam os gregos e os orientais em geral de terem deturpado o sadio espírito religioso dos itálicos.

Capítulo quinto: A Sátira social.

A divisão da sociedade romana em classes se deu desde os primórdios da civilização laical. Os “patricios” e os “plebeus” viveram sempre em luta entre si. No fim da República, a aristocracia do dinheiro, composta de provincianos e libertos enriquecidos, começou a suplantar a antiga nobreza latifundiária e guerreira, enquanto a pequena burguesia se afirma cada vez mais. À margem da sociedade vivia plebes urbana, obrigada a sustentar-se pela caridade pública e privada. Os satíricos condenam as injustiças sociais, a má distribuição dos bens, a opulência dos ricos e a exploração dos pobres; mas, tradicionalistas e conservadores, em lugar de apoiar a florescente classe média, vivem de saudade da antiga nobreza e do privilégio da cidadania romana. Repudiam, portanto, os estrangeiros que se enriqueciam exercendo a indústria, o comércio, o artesanato e outras formas de profissões liberais.

Capítulo sexto: A Sátira dos costumes.

O ataque mais violento à sociedade romana por parte dos satíricos visa à condenação dos costumes depravados. A matrona é descrita como libidinosa, vaidosa, desumana. O nobre se dedica à pederastia, ao turfe e ao jogo. A satisfação dos prazeres físicos consegue anular todo sentimento de amor, de família, de pátria e de religião. A causa de tanta depravação é encontrada na assimilação dos costumes orientais, que introduziram em Roma a sede do prazer físico e espiritual, destruindo assim o espírito de abnegação e de sacrifício, característico da civilização latina pré-helenística.

Conclusão:

Os satíricos romanos, ciosos das antigas tradições, não perceberam que o cosmopolitismo imperial, com ou sem a assimilação dos costumes estrangeiros, levaria fatalmente à mudança das estruturas sócio-morais.

TESES DE LICENCIATURA

Em 1967 prepararam-se as seguintes dissertações de licenciatura (indica-se entre parênteses o orientador): Heloisa C. de Oliveira — “A linguagem de Mário Palmério” (Ataliba T. de Castilho); Nilza Molina — “Sintaxe do perfeito” (Ataliba T. de Castilho); Laís Fontana — “Sintaxe do prterito” (Ataliba T. de Castilho); Maria Adélia Borçato — “Sintaxe do imperfeito” (Ataliba T. de Castilho); Maria Aparecida Martinhão — “Observações sobre a linguagem popular brasileira (Ataliba T. de Castilho).

Em 1968 foram preparadas as seguintes: Nelisa Traballi “A evolução da figura feminina no romance realista de Eça de Queirós” (João Décio); Maria Helena Gonçalves — “Problemas gerais de “Os Maias de Eça de Queirós” (João Décio); Edgard de Oliveira “A Condicionalidade em Português” (Ataliba T. de Castilho); Ednir de Melo Rosa — “A Linguagem Coloquial Brasileira” (Ataliba T. de Castilho); Sebastião Alves Sobreiro — “Contribuição à História das Idéias Gramaticais no Brasil” (Ataliba T. de Castilho); Rosa Tanio — “Os jesuítas portugueses no Japão; contribuição para o estudo da linguagem de suas cartas” (Ataliba T. de Castilho).

NOTICIÁRIO DA CADEIRA DE LITERATURA PORTUGUESA

Cursos:

O professor João Décio, regente da Cadeira de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, a convite da profa. Maria da Glória Sá Rosa, ministrou um curso de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Dom Aquino”, da cidade de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso.

O curso foi ministrado do dia 15 a 20 de abril de 1967 e esteve subordinado ao tema: “Análise do Romance de Eça de Queirós”. Constatou de cinco aulas: 1^ª “O Realismo e o Romance de Eça de Queirós”; 2^ª “O *Primo Bastião* e o *Crime do Padre Amaro*: romances da ortodoxia realista”; 3^ª “*Os Maias*, um romance de transição; 4^ª *A fase de reconstrução espiritual*; 5.^ª *O Conto de Eça de Queirós*. Além desse curso, o professor João Décio ministrou três aulas extra-curso: 1.^ª *Evolução do Romance Brasileiro*, “O Romance de Vergílio Ferreira” e “O Ensino da Literatura no curso colegial”.

No mês de maio, a convite do prof. José Newton Alves de Sousa, o prof. João Décio ministrou, na Faculdade de Filosofia do Crato, um curso intitulado “A Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea”, abordando a obra de Fernando Pessoa, Fernando Namora, Vergílio Ferreira e Agustina Bessa-Luís. O curso estendeu-se de 24 a 31 de maio de 1967.

Em ambos os cursos, em Campo Grande e no Crato, as aulas foram ilustradas com trechos dos romances de Eça de Queirós, Vergílio Ferrei-

ra, Fernando Namora, Agustina Bessa Luís e com poesias de Fernando Pessoa.

Em março de 1967, no período de 15 a 17, o professor João Décio ministrou aulas, a convite do Sr. Oswaldo Ramos Mendes Filho, Diretor da Biblioteca Pública de Marília, "João Mesquita Valença". As aulas giraram em torno de "Evolução do romance brasileiro" e "A Poesia de João Mesquita Valença".

Durante o mês de março de 1967, o prof. João Décio foi relator de debates e pronunciou duas palestras sobre os filmes "Vereda da Salvação" e "Menino de Engenho" sob o patrocínio do Clube de Cinema de Marília.

O prof. Carlos Alberto Iannone, assistente da Cadeira de Literatura Portuguesa, deverá viajar para Portugal em fins de setembro, a fim de cumprir bolsa de estudos, com vistas à elaboração de sua tese de doutoramento em Literatura Portuguesa.

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

A Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Museu Nacional ministram desde 1968 em Curso de Pós-Graduação em Lingüística que confere o grau de "Mestre".

São requisitos para a admissão a esse curso ser bacharel ou licenciado, ter conhecimentos de inglês para leitura de bibliografia e ser aprovado em entrevista.

Para a conclusão do curso requerem-se 24 créditos obtidos em cursos e seminários e 6 créditos de trabalho dedicado à tese. Cada crédito equivale a três horas de trabalho por semana durante um semestre; cada semestre compreende 16 semanas. Assim, o tempo mínimo para que se perfaçam os 24 créditos corresponde a dois semestres.

Presentemente, oferecem-se cursos que correspondem às seguintes áreas de concentração: Lingüística Descritiva, Lingüística Histórica, Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas.

Para maiores informações, dirigir-se ao Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, Museu Nacional, Setor de Lingüística, Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro GB.

CONGRESSOS E REUNIÕES CIENTÍFICAS

O Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigí promoveu em Pôrto Alegre, de 17 a 21 de julho de 1967, o *III Seminário Brasileiro de Orientação Lingüística*; um Professor deste Departamento, o Dr. Paulo A. A. Froehlich, apresentou trabalho indicado no programa a seguir:

"A Antropologia e o Ensino de Línguas", por Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, Secretário Eexecutivo do Pragrama Interamericano de Lingüística e Chefe do Setor de Lingüística do Museu Nacional (Rio de Janeiro).

"Ensino do Português no Ensino Médio", pelo Prof. Irmão Elvo Clemente, da Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul.

"Lingüística e Formação de Professôres", pelo Prof. Augustinus Staub, Coordenador do Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília.

“La Utilización del Laboratorio de Lenguas”, profa. Adriana Gandolfo, Assessora Técnica do “Laboratorio de Lengua, Fonética y Dicción del Instituto Nacional Superior del Profesorado en Lenguas Vivas — J R. Fernandez”, Buenos Aires. Argentina.

“O Ensino de Português aos Falantes de Outros Idiomas”, pela profa. Mercedes Marchand, Diretora do Instituto de Português para Estrangeiros da Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

“A Elaboração de um Livro de Português para Universitários Americanos: o projeto do *Modern Portuguese*”, pelo Dr. Henry Hoge, Chefe do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

“Lingüística Estrutural: suas bases e evolução”, pelo Dr. Heinrich A. W. Bunse, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“Lingüistics and Literature Appreciation”, pelo Prof. John Mann, Professor Visitante do Conselho Britânico junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

“O Professor frente à Variação Social e Regional do Português Brasileiro”, pelo Prof. Moacir Akui, Assistente Pedagógico Regional do Instituto de Idiomas Yazigi de Pôrto Alegre.

“Novos Rumos da aplicação da Lingüística ao Ensino de Línguas Estrangeiras”, pelo Prof. F. Gomes de Matos, Diretor do Centro de Lingüística Aplicada, São Paulo.

A Gramática Normativa no Brasil à luz da Lingüística Moderna”, pelo Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues, Secretário Executivo do Programa Interamericano de Lingüística e Chefe do Setor de Lingüística no Museu Nacional (Rio de Janeiro).

“A Fonética no Ensino de Lingüística”, pela Dra. Ursula Wiesemann, do Departamento de Lingüística da Universidade de Brasília (Summer Institute of Linguistic — University of Oklahoma).

“O Ensino de Línguas nas “classes-pilôto em Salvador” pela Profa. Joselice Macedo”, Regente de Lingüística das Faculdades de Filosofia — Universidades Federal e Católica da Bahia.

“Novos Rumos da Sincronia e Diacronia”, pelo Prof. Paulo Froelich, Regente de Lingüística da Faculdade de Filosofia de Marília, SP.

“O Problema do Ensino do vocabulário: no Vernáculo e em Línguas Estrangeiras”, pela Profa. Joselice Macedo, Regente de Lingüística das Faculdades de Filosofia — Universidades Federal e Católica da Bahia.

Haverá também, uma conferência sôbre tema ligado a Francês.

—O—

O Centro Filológico “Professor Clóvis Monteiro” da FFCL da Universidade do Estado da Guanabara promoveu no Rio de Janeiro, de 15 a 17 de janeiro de 1967, o *II Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa*; os trabalhos então apresentados, e que se enumeram a seguir, foram já publicados em volume que recebeu o mesmo título da promoção: Olmar Guterres da Silveira — “Norma Gramatical Brasileira”; Afrânio Coutinho — “A Nova Crítica; Celso Cunha — “Vocalismo português: as nasais”; Antonio Houaiss: “Variantes Textuais e Estilísticas”; Abílio J. dos Santos — “Alguns casos de paralelismo gramatical”; Luis Costa Lima — “Estruturalismo e Crítica Literária”; Hamilton Elia — “Fenômenos Fonéticos ocorrentes no verso”; Eduardo Portela — “Por um Realismo Libertado”; Sílvio Elia — “Da quantidade latina ao verso rítmico”; Leodegário A. Azevedo Filho — “A poesia de José Regio”; José Ricardo da Silva — “Aspectos interessantes da morfolo-

logia nominal”; Júlio Carvalho — “Fernando Namora e a técnica do romance”; Antonio J. Chediak — “Dois poemas Castro Alves — estudo comparativo de textos”; Antônio Jesus da Silva — “Vergílio Ferreira e a técnica do romance”; Evanildo Bechara — “Um filão de pesquisas para o estudo da língua ortuguêsa do séc. XVI”; Aloysio J. de Faria — “Ferreira de Castro e a técnica do romance”; Jairo Dias de Carvalho — “Os estudos de sintaxe português”; Emmanuel Pereira Filho — “O Teatro de Camões”; Cândido Jucá Filho — “Aspectos da linguagem brasileira”; Fernando Barata — “Traços anacreônicos me Ricardo Reis”.

—O—

De 27 de novembro de 1967 a 2 de fevereiro de 1968 o “Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Linguas”, PILEL, e o Colégio de Mexico organizaram na capital mexicana o *II Simpósio Lingüístico Americano* e, de 3 a 10 de janeiro de 1968, o *IV Simpósio do PILEL*; transcrevemos o programa da primeira destas atividades:

LINGÜÍSTICA GENERAL

1. Introducción a la Lingüística General (Europa)
2. Introducción a la Lingüística General (EE. UU.)
3. Gramática Estructural
4. Gramática Generativa y Transformacional
5. Fonética y Fonología
6. Morfología y Sintaxis
7. Lexicología y Semántica
8. Estilística
9. Dialectología General
10. Lingüística Diacronica
11. História de la Lingüística

INDOEUROPEU

12. Lingüística Indoeuropeia
13. Lingüística Romanica

IBERORROMANICO

14. Fonología Española y Portuguêsa
15. Morfosintaxis Portuguêsa
16. Morfosintaxis Española
17. Gramática Contrastiva Española-Portuguêsa
18. Geografía Lingüística Iberoamericana
19. Lingüística Histórica Hispanica
20. El Español de America
21. Dialectología Iberoamericana
22. Lexicología y Semántica Iberoamericanas
23. Historia de La Lingüística Hispanica

OTRAS LENGUAS INDOEUROPEIAS

24. Fonética y Fonología Francesa
25. Morfosintaxis Francesa
26. Fonética y Fonología Alemana
27. Morfosintaxis Alemana

28. Fonética y Fonología Italiana
29. Morfosintaxis Italiana
30. Fonética y Fonología Inglesa
31. Morfosintaxis Inglesa
32. Fonética y Fonología Rusa
33. Morfosintaxis Rusa

CRIOLLA

34. Lenguas Criollas

LENGUAS INDOAMERICANAS

35. Lingüística Indoamericana
36. Estructuras Del Maya
37. Estructura del Nahuatl
38. Estructura del Tupi-Guarani
39. Estructura del Quechua

LINGÜISTICA MECANICA

40. Fonética Instrumental
41. Introducción a la Lingüística Computacional
42. Seminario de Lingüística Computacioal

LINGÜISTICA APLICADA

43. Introducción a la Lingüística Aplicada
44. Técnica de la Enseñanza de Español y Português a Hispanohablantes
45. Técnica de la Enseñanza de Español y Português a Heblante de Otras Ienguas
46. Técnica de la Enseñanza del Ingles a Hablantes de Otras Lenguas
47. Seminário sobre Enseñanza del Español o Português a Indigenas
48. Seminario sobre la Enseñanza de Idiomas
49. Seminario sobre problemas de Alfabetización
50. Lenguas en contacto
51. Sociolingüística.



O Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yazigi promoveu no Recife, de 22 a 26 de junho de 1968 o *IV Seminário Brasileiro de Orientação Lingüística*, que constou de cursos e conferências.

Os cursos foram ministrados pelos Profs. Drs. Joaquim Mattoso Câmara Jr. ("A Lingüística Aplicada ao Ensino do Português") e José Gonçalo Herculano de Carvalho ("Aspectos da Teoria da Iinguagem").

Conferências: José Lourenço de Lima — "A Lingüística Românica e a Língua Portuguêsa"; Aryon Dall'Igna Rodrigues — "O Estudo da influência ameríndia na Língua Portuguêsa"; Cleusa Menezes P. Gomes — "Técnicas de pesquisa dialetológica"; Nélson Rossi — "Um Atlas Lingüístico de Sergipe; sua significação para a continuidade da investigação dialetal no Brasil", e "O Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las principales ciudades de Iberoamérica y de la

Península Ibérica”: perspectivas para o Brasil”; Leônidas Câmara — “Moderna Estilística Literária”; F. Gomes de Matos — “Mentalismo e mecanismo na aprendizagem de línguas”; José Brasileiro Vilanova — “Estilística sintática e semântica”; José Rebouças Macambira — “A Classificação dos vocábulos em Português”; Maria do Amparo L. Barbosa — “Linguística Psicológica e o Professor de Línguas”; Elijah von Sohsten — “A pronúncia inglesa e o aluno brasileiro”; Geraldo Cintra — “Abordagens na descrição de estruturas linguísticas”; Humberto Novelino — “Exemplo de aplicação da gramática transformacional ao ensino do Inglês”; Mário Laranjeira — “Técnicas áudio-visuais para o ensino do francês”.

Também algumas mesas-redondas foram organizadas.

Três professores deste Departamento acompanharam os trabalhos: Enzo Del Carratore, Ataliba T. de Castilho e Nilce Sant’Ana Martins.



Por iniciativa conjunta das Cadeiras de Teoria Literária, Literatura Comparada, Filologia Românica e Língua Russa da FFCL da Universidade de São Paulo, e graças à cooperação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, esteve na capital paulista o *Professor Roman Jakobson*, que pronunciou em setembro de 1969 algumas conferências, tendo dirigido também mesas-redondas sobre matéria de sua especialidade; acompanhava-o a profa. Krystyna Pomorska Jakobson, que igualmente apresentou alguns trabalhos; eis o programa então desenvolvido:

PROF. ROMAN JAKOBSON:

Conferências

1. A poesia da Gramática e a Gramática da Poesia (com análise de textos poéticos portugueses e franceses).
2. A ciência da Língua e sua relação com as ciências do Homem e da Natureza.
3. Os problemas atuais da Teoria Linguística (em comparação com os princípios saussurianos).

Mesas-redondas

1. Meio século de luta por uma Poética Científica.
2. Os problemas específicos da Poesia Popular.
3. A estrutura do código verbal.

PROF^a. KRYSZYNA POMORSKA-JAKOBSON

Conferências

1. Pasternak e Futurismo.
2. A prosa de Pasternak.
3. O Futurismo Russo-Teoria e Prática.
4. A Escola Formalista Russa e sua Ambiência Poética.

O Instituto de Idiomas Yázigi de Bauru e a FFCL "Sagrado Coração de Jesus" promoveram em Bauru, de 26 a 28 de setembro de 1968 o *Seminário de Lingüística* de Bauru, cujo programa adiante transcrevemos:

- 1 — A linguagem humana e a lingüística — Conceitos fundamentais Prof. FRANCISCO GOMES DE MATOS (Diretor do Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi; Professor de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientae", P. U. C. — São Paulo).
- 2 — Conceito de estrutura e sua importância na linguística. Prof. Dr. PAULO A. A. FROELICH (Professor de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília).
- 3 — A semântica e o professor de português. Prof. FRANCISCO DA SILVA BORBA (Professor de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara).
- 4 — Aplicação da lingüística ao ensino do Inglês. Prof.^a MARIA DO AMPARO BARBOSA (Assistente Pedagógica do Centro de Lingüística Aplicada do Yazigi; Professora de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientae", P. U. C. — São Paulo).
- 5 — Missão da lingüística no mundo moderno — Sugestões para sua aplicação no ensino primário, secundário e universitário Prof. JOSÉ OSWALDO RETZ SILVA (Professor de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jaú, Professor de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sagrado Coração de Jesus" de Bauru).
- 6 — Aplicação da Lingüística ao ensino do Português, Prof. GERALDO CINTRA (Assistente de pesquisas do Centro de Linguística Aplicada do Yazigi; Professor de Língua Inglesa da Faculdade de Jornalismo "Casper Líbero, São Paulo).
- 7 — Impacto da lingüística no ensino. Prof.^a Dra. Irmã ELVIRA MILANI (Professora de Literatura Americana e Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sagrado Coração" de Jesus" de Bauru).
- 8 — Lingüística e língua padrão. Prof. ARYON D'ALLIGNA RODRIGUES (Chefe do Setor de Lingüística do Museu Nacional do Rio de Janeiro e Secretário Executivo do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas).
- 9 — A descrição do português culto. Prof. Dr. ATALIBA T. DE CASTILHO (Professor de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília).
- 10 — Utilização de visuais no ensino do Francês. Prof. MÁRIO LARANJEIRA (Professor Assistente de Francês da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; Assessor de Lingüística Aplicada do Yazigi).